



PLANOS DE AULA E ENSINO DE GEOGRAFIA: APONTAMENTOS E REFLEXÕES

THIAGO CALHEIROS DANTAS

RICARDO SANTOS DE ALMEIDA

ANA PAULA TEODORO DOS SANTOS

EIXO: 19. EDUCAÇÃO E ENSINO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

RESUMO: Este estudo tem como intuito discutir e analisar o conteúdo de quarenta e quatro planos de aula elaborados por treze professores de Geografia dos municípios alagoanos: Arapiraca, Delmiro Gouveia, Igaci, Maceió (capital), Palmeira dos Índios, Penedo e Pilar. Entretanto, torna-se salutar a discussão sobre o ato do planejamento e avaliação da aprendizagem como força motriz do processo de confecção dos planos de aula e o modo como a Geografia é ministrada em sala de aula – se é relacionada aos estudos da paisagem apenas, ou há prioridade máxima na interpretação analítica do espaço geográfico. Para tais apontamentos foram realizadas entrevistas com os professores destes municípios para identificar se o princípio de autonomia é respeitado pelas escolas, podendo influenciar no modo como este exerce suas atividades didático-pedagógicas.

PALAVRAS-CHAVE: Planejamento. Avaliação. Ensino de Geografia.

ABSTRACT: This study has the intention to discuss and analyze the content of forty-four lesson plans prepared by thirteen Geography Teachers municipalities Alagoas: Arapiraca, Delmiro Gouveia, Igaci, Maceió (capital), Palmeira dos Índios, Penedo and Pilar. However, it is healthy discussion about the act of planning and evaluation of learning as the driving force of the cooking process of lesson plans and how the geography is taught in the classroom - whether it's related to landscape studies only, or there is top priority in the analytical interpretation of geographical space. For such notes were interviews with teachers of these municipalities to identify whether the principle of autonomy is respected by schools may influence the way it exercises its didactic and pedagogical activities.

KEYWORDS: Planning. Evaluation. Geography Teaching.

INTRODUÇÃO

Este estudo foi desenvolvido a partir de atividade prática realizada na disciplina Planejamento Educacional e Avaliação da Aprendizagem contida na matriz curricular do curso de Pós-Graduação Especialização em Ensino de Geografia, na Universidade Federal de Alagoas.

O estudo desenvolvido teve como base a leitura e análise dos planos de aula bem como as narrativas extraídas a partir de entrevistas realizadas com graduandos e professores de Geografia dos ensinos fundamental e médio de escolas públicas dos municípios Arapiraca, Delmiro Gouveia, Igaci, Maceió, Palmeira dos Índios, Penedo e Pilar localizados no estado de Alagoas.

O principal condutor da análise sobre o planejamento e avaliação em Geografia é buscar compreender se há possibilidade de elaborar um plano de aula livre de exageros que possibilite ao professorado o estudo e socialização das características e analiticidade do espaço geográfico proporcionando melhores interações entre professores e alunos não restringindo as aulas a espaços apenas informativos, mas que seja de práticas que relacionem o conteúdo os relacionando ao cotidiano desses alunos. Para tal, tornam-se necessárias as leituras e interpretações sobre planejamento e avaliação da aprendizagem aportando-se na Lei de Diretrizes e Bases (LDB), Cavalcanti (1998), Freire (1996), Lukesi (2013), Mello (2012), Penteado (2008), Teixeira (2014), Santos (2012a; 1985b).

Nota-se que um dos fatores que podem inviabilizar um bom planejamento e preenchimento dos planos de aula é a inexistência de métodos eficazes que podem contribuir significativamente para um planejamento objetivo, eficaz e que esteja condizente com o currículo e local infraestrutural das aulas ministradas dando mais aproximação à veracidade do conteúdo contido em documentos que registram as atuações do professor.

No processo de análise dos planos de aula identificamos que algumas escolas exigem de modo classificatório uma série de preenchimentos de dados que em nada contribuem para aplicabilidade coerente das aulas tornando o processo de planejamento exaustivo.

METODOLOGIA

O estudo revela as estratégias, temas, usadas nas aulas dos professores de Geografia, e alguns apontamentos, para que os planos de aulas sejam voltados ao entendimento do espaço geográfico e não representem apenas o cumprimento da burocracia escolar.

Sob a perspectiva qualitativa objetiva-se analisar quarenta e quatro planos de aula feitos por professores de Geografia e graduandos que revelam como desenvolvem sistematicamente o planejamento sobre os conteúdos socializados em sala de aula e como realizam o processo avaliativo.

A análise dos planos de aula foi realizada a partir do contato com treze professores que estão em exercício das atividades docentes em disciplina Geografia, bem como graduandos que se encontram em atividades docentes via redes sociais e *e-mails*.

Justifica-se o uso do plano de aula porque é a partir dele que o professor tem a autonomia de direcionar os conteúdos, realizando recortes, voltados à leitura e interpretação do espaço.

Opta-se pelos planos de aula de escolas diferentes e em cidades diferentes, na intenção de ser constatado ou não que a dificuldade de orientar a prática do professor de Geografia, através do plano de aula, não está só para a capital do Estado de Alagoas.

Entende-se que a análise dos planos de aula permita que sejam percebidas as diferentes abordagens e recortes realizados pelos professores de Geografia e a maneira com que executam o processo de avaliação.

Compreende-se o conceito de espaço geográfico a partir das afirmações de Santos (1985, p.55) "o espaço formado por um sistema de objetos e um sistema de ações", porque permite que seja considerada a história da sociedade e suas transformações, o movimento.

Utilizam-se tanto os planos de aula do ensino fundamental II, quanto os do médio, porque os conteúdos se repetem nas matrizes curriculares do ensino fundamental e médio, sendo construído pelo professor de Geografia no sexto ano, discutidos no decorrer do fundamental II e (re)visto nos últimos três anos do ensino básico.

Alerta-se que o tempo usado para a coleta dos dados, planos de aula e narrativas, pode ser otimizado devido o uso dos emails e das redes sociais, durando dois dias.

Empregam-se no texto as nomenclaturas "P1" e "P2", porque são utilizadas narrativas de professores de Geografia e graduandos, prezando-se a não identificação deles. Já as narrativas dos professores estão dispostas como citações diretas.

O plano de aula é compreendido como uma das possibilidades de orientar a prática do professor, obviamente, através da compreensão do espaço geográfico, da realização de recortes sobre os conteúdos e da construção de objetivos que promovam a aprendizagem e uma formação cidadã.

O processo de construção do planejamento é a possibilidade que o professor tem de orientar sua prática através de um conjunto de objetivos que podem ser alcançados ou não, falando-se a curto médio e longo prazo.

O PLANEJAMENTO COMO FORÇA MOTRIZ DO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Os planejamentos construídos pelo docente devem ser integrados, isto é, o plano de aula é correlacionado ao plano de unidade e o plano de curso Seguindo parâmetros, tais como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB) ou os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN).

O professor tem a autonomia de roteirizar os conteúdos que serão discutidos em sala de aula. Em seu planejamento deve promover a participação dos alunos tendo como base os conteúdos teóricos e práticos da Geografia os inserindo na contextualização o movimento da sociedade tornando mais próxima ao entendimento dos alunos as relações existentes na dinâmica da produção e organização do espaço geográfico.

A prática do professor deve ser integrada tanto pelo planejamento quanto pela avaliação, fala-se da avaliação no sentido pleno da palavra. A avaliação enquanto um repensar de sua prática, técnica, e das atitudes em suas vivências, ampliando e promovendo o processo de aprendizagem.

Segundo Teixeira (2005, p. 03) "a responsabilidade do mestre é imensa. Grande parte da eficácia de seu ensino depende da organicidade, coerência e flexibilidade de seu planejamento", isto é, o professor é o profissional que constrói o planejamento com coerência e ensina a construção de conhecimento, possibilitando ao aluno aprender com ele e vice-versa.

A prática do planejamento deve ser estimulada nos espaços da escola, das empresas e da vida. O planejamento, na escola, e neste caso, nas aulas de Geografia, deve ser orientado através dos conteúdos e práticas que serão executadas pelo docente para com o discente.

O professor deve estar ciente que muitas vezes sua prática e é mediada pelo planejamento. Contudo, em alguns casos o que foi planejado pode não ser aplicado conforme se deseja devido a motivos diversos como a infraestrutura da escola não permitir a operacionalidade de dinâmicas aplicadas em sala de aula, etc. A escola e outros ambientes que envolvam a questão socioeducativas em muitos casos não conseguem disponibilizar, por algum motivo, os equipamentos necessários, ou seja, pensados pelo professor no seu planejamento, porém a ausência de alguns equipamentos não deve ser encarada como o encerramento das aulas ou um motivo para que o professor entre numa espécie de depressão pré-aula.

O professor deve aprender a lidar com o processo de frustração, porém não pode encerrar sua prática por causa deste sentimento em relação à ausência de alguns materiais que deveriam ser utilizados em suas atividades.

Percebe-se através de Penteado (2008, p. 02-03) que "planejar, também, implica conhecer limitações e possibilidades", isto é, as atitudes do professor devem estar voltadas para a efetivação do seu plano de aula contando neste processo com as adversidades existentes, tais como a dificuldade de acesso a alguns materiais didático e a ineficácia de alguns caminhos selecionados pelo professor em relação a sua prática.

Não se deseja que o professor se acomode ao frustrar-se pela inoperacionalidade do que foi planejado, mas devem continuar perseverando desenvolvendo e repensando estratégias que levem em consideração o espaço físico da escola e o público alvo das ações. Percebendo-se que o método escolhido não determina o aprendizado, porque o que mais importa não é o caminho escolhido e, sim, o conjunto de conhecimentos, valores e os objetivos alcançados, independente se ele utilizar vídeo, desenho, charge ou um *software* para orientar o raciocínio geográfico.

O olhar crítico sobre o processo de planejamento pode nos levar a perceber o que afirma Luckesi (2003, p.04) "o ato de planejar é a atividade intencional pela qual se projetam fins e se estabelecem meios para atingi-los. Por isso, não é neutro, mas ideologicamente comprometido", logo, o planejamento, o plano de aula de Geografia, deve ser pensado seguindo a prática do professor e não pode ser pensada apenas descrevendo as formas, a paisagem.

A ciência geográfica discutida nas escolas não deve estar conectada apenas a descrição das paisagens, o domínio do visível. O professor de Geografia e o alunado tem que compreender o espaço geográfico e o movimento que a sociedade promove o (re)construindo.

É importante a ser aprendido nas escolas que se propõem a ensinar Geografia são os contextos, junto às relações presentes no espaço. O espaço possui suas características distintas que se integram e constroem as especificidades, arranjos, em seus vários lugares e paisagens.

O professor de Geografia deve se preocupar em explicar o espaço geográfico e entendê-lo em sua gênese, o movimento que a sociedade provoca, ou seja, o seu *animus*. Recomenda-se aos profissionais da Geografia o dever de "centralizar nossas preocupações em torno da categoria - espaço - tal qual ele se apresenta, como um produto histórico. São os fatos referentes à gênese, ao funcionamento e a evolução do espaço que nos interessam em primeiro lugar" (SANTOS, 2012, p. 147).

O professor de Geografia deve também estar preocupado em expor na sua prática o estímulo a compreensão do

espaço geográfico ao qual os alunos estão inseridos para assim realizar com êxito a mediação do processo de ensino e aprendizagem tendo como base o planejamento e a avaliação destes. O que é importante para o professor de Geografia é a busca pelo contínuo entendimento do espaço geográfico e permitir que o alunado também o compreenda-o através de sua prática.

O professor pode amplificar a aprendizagem sobre o espaço e torná-la lúdica ao utilizar mecanismos como: vídeo, as redes sociais, fotografias, desenhos, charges, tirinhas, textos, como cordel, a poesia e a músicas, fazendo o aluno ter estímulo para a aprendizagem.

Logo, o professor deve ter a sensibilidade de selecionar os melhores mecanismos para que o aluno possa entender o que está sendo conversado durante a aula, levando os mesmos a compreender o movimento do mundo.

O aluno que compreende o conteúdo e o percebe em suas vivências pode se tornar um agente multiplicador do saber e do aprender.

O ensinar não permite que o professor apenas transfira conhecimentos, ou seja, o saber ensinar é

Criar possibilidades para a sua própria produção ou sua construção. Quando entro numa sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, as suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho - a de ensinar e não transferir conhecimento (FREIRE, 1996, p.47).

As possibilidades, mecanismos, para que o ensinar aconteça, junto a aprendizagem é necessário que discente esteja atento para as inquietações dos alunos, suas necessidades, e interesses. O professor deve estar integrado ao espaço que ocupa e as pessoas que o envolve, aquelas que participando de sua prática.

O processo de ensino-aprendizagem da Geografia deve incorporar e estimular o diálogo, na relação professor-aluno, e a integração da comunidade escolar, ou seja, aquela onde a escola está inserida, permitindo que os discentes possam perceber a Geografia presente no seu cotidiano.

Portanto, a ludicidade, o planejamento e a avaliação são constantes na prática do professor e do aluno, são fatores que devem ser considerados no processo de aprendizagem na escola, provocando a curiosidade sobre o espaço geográfico, suas especificidades e respeitando a pessoa humana.

REFLEXÕES SOBRE O PLANO DE AULA E A AVALIAÇÃO NA PRÁTICA DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA

Os planos de aula de Geografia utilizados neste estudo são os registros das práticas já executadas pelos graduandos e professores.

Foram analisados quarenta e quatro planos de aula elaborados por treze professores, sendo destes planos trezes do ensino fundamental II e vinte e quatro do ensino médio. Destaca-se que três professores não registraram a turma no planejamento, um não redigiu o ano, um enviou o plano semestral e outro enviou o plano anual, conforme o gráfico 1 adiante.

Constata-se que algumas escolas não exigem a produção dos planos de aula através de algumas narrativas, recebida via e-mail, sendo selecionada uma delas como figurativa enviada por "P1", como podendo ser lida adiante: "Nobre, infelizmente só tenho esses. E informo que são anuais. Nas escolas onde trabalhei (2 públicas e 1 particular) não foi solicitado planejamento semestrais, ou semanais. Apenas o anual".

Logo, a prática de construir planos de aula não é presente em todas as escolas de Alagoas e o professor tende a orientar sua prática seguindo suas experiências anteriores, quando as tem, já que alguns são graduandos, e por dedução não possuem registros de suas práticas.

A leitura realizada sobre os planos de aula permite revelar também os conteúdos abordados pelos professores, daqueles que enviaram os planos, o volume de informações solicitadas pelas escolas, para que os discentes registrem como ocorrem as atividades que desenvolvem durante as aulas, junto aos processos de avaliação que realizam.

Os temas registrados nos planos de aula são variados podendo citar alguns adiante: Os fluxos migratórios e a estrutura da população, América Latina; África, Organização da apresentação do projeto *Bullying*, Neoliberalismo, Formação do povo brasileiro, A função dos Blocos Econômicos na Globalização atual, Brasil no Mundo Globalizado, Características Demográficas da População da América, Guerra Fria e o Mundo Bipolar, Brasil: Posição Geográfica e Localização, Agentes Internos do Relevo: Vulcanismo, Coordenadas geográficas, paralelos e meridianos e a ocorrência dos fusos horários, Conceitos-chaves da Geografia: Paisagem, O que é Geografia? Curiosidades Geográficas, Tipos de Mapas e o que é cartografia e As características naturais do Japão.

Destaca-se que não foram citados todos os temas encontrados nos planos de aula porque alguns possuem abordagens muito parecidas, não sendo necessário citar todos na íntegra.

No que se referem aos títulos elaborados para as unidades de ensino e aprendizagem contidas nos planos de aula são destacadas as seguintes temáticas: urbanização, formação do território brasileiro, problemas ambientais, demografia e cartografia.

É necessário frisar que dos planos de aula analisados poucos contêm em seus objetivos a preocupação na compreensão do espaço geográfico como movimento da sociedade e suas conexões com os aspectos naturais em que estes indivíduos estão inseridos.

Alguns planos de aula destacam, por exemplo, um pensamento preocupado na descrição das paisagens e explicam apenas curiosidades sobre a formação da Terra, a formação dos vulcões, a dinâmica física dos rios, o clima de algumas regiões do Brasil, os agentes internos do relevo e cálculos voltados a escala, voltando-se para matemática. Outros planos mostram exemplos claros que dão prioridade a descrição dos fenômenos físicos em seus objetivos e conteúdos, podendo citar: entender a dinâmica interna da terra mediante a expulsão do magma do interior para a superfície; caracterizar todas as partes que compõem um vulcão; entender como se dá a formação de um vulcão e a distribuição dos diversos vulcões pelo globo (objetivos).

Já em relação aos conteúdos: Agentes Internos do Relevo: Tectonismo; Agentes Internos do Relevo: Abalos Sísmicos.

O que está sendo discutido não é priorizar o que alguns geógrafos chamam de Geografia física e Geografia humana, mas deixar claro que o objeto de análise desta ciência é o espaço geográfico. Logo, compreende-se como um reducionismo dividir esta celebre ciência em tantas e outras geografias.

Constata-se que a dificuldade de reafirmar a condição geográfica dos conteúdos deve estar aliada ao desenvolvimento de estratégias práticas que permitam aos professores e alunos uma reflexão que extrapolem a instrucionalidade contida nos livros didáticos. Frisa-se, em alguns destes, apenas a informação, mas não permitem aos leitores a conexidade com as questões sociais que podem envolver os alunos em seu cotidiano. Nota-se a dificuldade de tornar geográfico os conteúdos, desenvolvendo práticas, objetivos e recortes sobre os conteúdos que levem o alunado a compreender a (re)construção que a sociedade provoca no espaço, explica a não conexidade de alguns planos com questões sociais.

As aulas de Geografia devem promover a leitura e interpretação do espaço, logo, espera-se que

[...] se ensine Geografia, mas o que ensinar? Existe um número quase infinito de temas, tópicos, conteúdos e técnicas que podem ser objeto de abordagem. No entanto, importa distinguir no seio destes os que realmente são fundamentais à educação geográfica, isto é, aqueles que, com maior eficácia, sejam capazes de desenvolver nos alunos a competência de "saber pensar o espaço" para de forma consciente poderem agir no meio em que vivem." (MELLO *apud* CACHINHO 2012, p.27).

Os conteúdos de Geografia tem que explorar tanto características físicas, quanto sociais, afinal o espaço é um conjunto de sistema de ações e objetos. Os objetos podem ser naturais ou artificiais (humanizados) e as ações, transformando a natureza através do trabalho, são mediadas pelos homens. O espaço não é construído. Ele é posto, produzido e organizado para um fim comum ou individual para tal compreensão é necessário o conhecimento sobre a disposição da natureza primeira, a natural junto ao movimento que a sociedade provoca.

A Geografia não é uma ciência de um pensamento unilateral, físico ou sociológico, ela busca compreender o seu objeto de análise, o espaço geográfico, e requer que os licenciados e bacharéis em Geografia apreendam o seu significado.

A Geografia não pode ser reduzida apenas a dados matemáticos, físicos, naturais, ou estritamente locais, porque os mundos do presente em seus contextos não nos permitam ao comodismo, afinal o espaço é complexo, possui suas especificidades e relações.

O ensino de Geografia tem que priorizar o entendimento sobre o espaço geográfico, sua produção, organização e as interfaces de relações existentes sem desconsiderar suas categorias de análise e escalas de pensamento.

A Geografia compreendida na escola tem que ser orientada através de planejamentos, pensados pelo professor, inicialmente, revelando o movimento da sociedade e suas transformações, gênese.

Sobre o conhecimento geográfico discernido nas escolas afirma Calvalcanti (1998, p.11) que "é, pois, indispensável à formação de indivíduos participantes da vida social à medida que propicia o entendimento do espaço geográfico e do papel desse espaço nas práticas sociais".

A professora, que é muito preocupada com o ensino de Geografia, reconhece também que o espaço geográfico permite que o alunado e o professor possam construir um conhecimento que contribua para uma formação cidadã, ou seja, social. Neste sentido, Santos (2012, p. 261) afirma que "a construção do espaço é obra da sociedade em sua

marcha histórica e ininterrupta", deixando claro que o sistema de ações e objetos sociais criados pelos homens e permitam que a sociedade se relacione e construa novos espaços, partindo da transformação da natureza, o trabalho.

O espaço está em constante transformação, seja por influências locais-locais ou locais-globais e vice-versa. A Geografia ensinada nas escolas deve acompanhar o movimento do espaço e ser analisada considerando suas categorias: a paisagem, o lugar, o território e a região.

As categorias permitem que os alunados, junto ao professor, partam, por exemplo, de discussões na sala de aula sobre as relações voltadas a forma-conteúdo, do visível (paisagem); estabeleça uma percepção voltada às relações do pertencimento ou entendam as imposições do mundo (lugar); identifiquem as relações de poder firmadas pelas empresas, Estado e os homens (território) e compreendam as características comuns presentes nos sub-espços, isto é, os docentes e discentes entendem que as ações humanas transformam a natureza podendo o espaço obedecer um critério de planejamento, citando os diferentes planejamentos urbanos, numa questão político administrativa (região), não sendo necessário seguir esta sequência.

Os caminhos trilhados como um momento da avaliação foram também analisadas: letras de música, leitura, mapas, lousa digital, planisférios e globos, o uso do data show, construção de maquetes, produção de cartazes, testes, jornais, fotos, vídeos, o livro didático, quadro, caixas de som, o piloto, fragmentos de texto, produtos com marcas internacionais, caderno, tintas e canetas.

Os professores usam um conjunto de materiais para viabilizar a compreensão sobre os conteúdos que estão sendo recortados e discutidos nas salas de aula, tornando lúdica a aprendizagem contendo no processo metodológico ferramentas, recursos e mídias disponíveis e acessíveis aos públicos alvo: discentes das mais variadas classes sociais.

Compreende-se que a realidade de cada escola é diferente, no que se refere ao acesso dos recursos digitais e materiais como as tintas e cartolinas. As escolas devem promover que os professores tenham direito de uso sobre esses equipamentos digitais ou outros menos complexos, permitindo que o alunado possa desenvolver habilidades psicomotoras de forma lúdica.

Os professores, nos planos de aula, mensuram pontuações para as atividades que compõem o processo de avaliação, totalizando as médias que permitem que o alunado seja aprovado ou não para próxima série ou ano, podendo citar dez ou quinze pontos.

Outros professores destacam momentos de orientação voltados a projetos pedagógicos que possibilitam integrar toda a escola. Destacam-se também os projetos que tiveram suas culminâncias na execução de feiras de ciências e exposições, como por exemplo, o projeto sobre *bullying*, citado em um dos planejamentos. As orientações para o projeto *bullying* puderam ser realizadas com indicações de texto e debates de vídeos por um dos professores de Geografia.

Outra constatação sobre os planos de aula são o conjunto de sub-tópicos que devem ser preenchidos pelo professor, podendo ser lidos adiante: curso, tempo, professor, tema da aula, objetivo geral, objetivo específico, estratégias, semana, motivação, estrutura do conteúdo a ser trabalhado, cronograma, justificativa, conteúdos, estratégias/metodologia, recursos, avaliação, referências, identificação, ano, grau, ano letivo, número de alunos, número de turmas, número de aulas, data e carga horária semanal. Os sub-tópicos anteriormente citados estão inclusos nos planos de aula e as escolas exigem dos professores o preenchimento.

Os sub-tópicos, que não são poucos, infelizmente, não trazem o por quê dos alunos terem que aprender os conteúdos da ciência geográfica ou qual a finalidade deles em relação ao seu papel enquanto cidadãos do mundo.

Concebe-se que no momento da construção do planejamento o professor e as coordenações pedagógicas devem se preocupar com as estratégias, os meios, claro, mas também com o conjunto de valores éticos e morais necessários no processo educativo, presentes nos conteúdos de Geografia ou de qualquer outra disciplina escolar estudada.

Alerta-se que

Já não basta - e nunca bastou - pensar nos meios, nas técnicas e na sofisticação dos recursos tecnológicos. Eles são necessários, mas como meios. Toma-se premente aprender a meditar sobre os fins e os valores que devem orientar a Educação. E, então, os meios serão selecionados tendo em vista os fins. Precisamos de eficiência; não eficiência para qualquer finalidade, mas eficiência que nos auxilie a dar conta das perspectivas de vida sadia para os seres humanos. (LUCKESI, 2003, p.10).

Concebe-se que a escola tem que ser o espaço da aprendizagem, do saber, da tecnologia inovadora e o lugar que permita ao alunado melhorar sua relação interpessoal, mas também é onde a solidariedade, a curiosidade, o diálogo, o respeito à pessoa humana e a humildade se realizar, do contrário, a escola não conseguirá atingir duas de

suas primorosas funções. A primeira é possibilitar que as pessoas possam viver bem no mundo consigo e com os outros e a segunda é promover aprendizagem.

Parafraseando as narrativas dos professores, eles questionam nos textos enviados por e-mail a quantidade exaustiva de planejamentos que as escolas exigem.

Os professores também fizeram relatos que em alguns momentos tiveram que escolher entre preencher os planejamentos, neste caso formulário, ou construir sua prática, isto é, selecionar textos, músicas, garimpar materiais nas papelarias para construir maquetes, enfim.

Os professores disseram também que o planejamento vai além de preencher formulários, levando tempo e estudo, porém, infelizmente, tiveram que preencher os formulários para cumprir a burocracia da escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os planejamentos analisados puderam evidenciar os momentos do processo de avaliação, estratégias, os tópicos selecionados para construção de um plano de aula, a preocupação dos professores sobre o desenvolvimento de habilidades voltadas a oralidade dos estudantes, com seminários, a produção de texto, redações, poesias e cordel, e o desenvolvimento da motricidade e noções de espaço, usando desenhos e maquetes.

Sobre os planejamentos analisados neste estudo, poucos trouxeram em seus objetivos e estratégias caminhos que levassem o alunado a entender o espaço, o movimento da sociedade, suas ações e objetos, a forma como transformam a natureza em seu cotidiano.

As estratégias, os objetivos e o processo de avaliação em Geografia tem que estimular que o alunado entendam o espaço e suas categorias: a paisagem, o lugar, o território e a região. Do contrário, o alunado não entenderá o que significa o espaço e podem deturpar conceitos e temas, considerando que eles poderão desenvolver dificuldade de relacionar a importância da Geografia para o seu cotidiano.

Por tanto, a importância da construção do planejamento é extrema, porque o professor tem a possibilidade de orientar sua prática através de seus objetivos e estratégias e, caso sua prática não dê certo, pode, numa próxima experiência, minimizar os erros cometidos e aperfeiçoar o seu fazer geográfico na escola.

REFERÊNCIAS

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia escolar e a construção de conhecimentos**. 10 ed. São Paulo: Papirus, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 39º ed. São Paulo: PAZ E TERRA, 1996.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Planejamento e Avaliação na Escola: articulação e necessária determinação ideológica**. 2013. Disponível em: <http://www.cr.mariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_15_p115-125_c.pdf>. Acesso em: 05 dez. 2014.

MELLO, Márcia Cristina de Oliveira. **Uma aproximação à Didática do ensino de Geografia**. 2012. Disponível em: <<http://www.acervodigital.unesp.br/handle/123456789/47174>>. Acesso em: 05 dez. 2014.

PENTEADO, Valéria de Souza. **Plano de curso, plano de ensino ou plano de aula, que planejamento é esse?** 2008. Disponível em: <<http://cac.php.unioeste.br/projetos/gpps/midia/seminario1/trabalhos/Educacao/eixo1/11valeriadesouzapenteado.pdf>>. Acesso em: 05 dez. 2014.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova: da crítica da geografia a geografia crítica**. 6º ed. Edusp: São Paulo, 2012.

SANTOS, Milton. **Técnica Espaço Tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. Edusp: São Paulo, 1985.

TEIXEIRA, Gilberto. **Planejamento educacional e planejamento do ensino**. 2014. Disponível em: <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAAABRNAAF/didatica-planejamento-educacional-planejamento-ensino>>. Acesso em: 05 dez. 2014.

em: 05 dez. 2014.

Thiago Calheiros Dantas[i]

[i]Estudante do Curso de Especialização em Ensino de Geografia modalidade Ensino à Distância, promovido pelo Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal de Alagoas. Graduado no curso de Licenciatura em Geografia – UFAL/IGDEMA. Atua na educação básica e técnica pela EAD. E-mail: thiagocalheirosdantas@gmail.com.

Ricardo Santos de Almeida[ii]

[ii]Desenvolve atividades de pesquisa vinculadas as temáticas relacionadas ao agronegócio, território e territorialidades, e processos de ensino-aprendizagem. Professor Pesquisador Nível II conteudista no curso Geografia Licenciatura EaD na Universidade Federal de Alagoas/Universidade Aberta do Brasil (UFAL-UAB) sendo o responsável pela diagramação, layout e finalização dos livros das disciplinas. Professor Substituto Auxiliar B do curso Geografia Licenciatura presencial da UFAL campus do Sertão/Delmiro Gouveia. Professor Contratado da Universidade Estadual de Alagoas para o Programa Especial para Formação de Servidores Públicos (PROESP/UNEAL). É editor técnico e layout da Revista Reflexões e Práticas Geográficas: <http://www.seer.ufal.br/index.php/repgeo/>. Vinculado oficialmente ao Núcleo de Estudos Agrários e Dinâmicas Territoriais (NUAGRÁRIO-IGDEMA-UFAL) desde 2009. E-mail:ricardosantos@gmail.com.

Ana Paula Teodoro dos Santos[iii]

[iii] Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte; professora de Geografia na Educação Básica e docente do Curso de Especialização em Ensino de Geografia, da Universidade Federal de Alagoas, atuando com a disciplina Planejamento Educacional e Avaliação da Aprendizagem. E-mail: anapaula_uneal@hotmail.com.

Recebido em: 05/07/2015

Aprovado em: 06/07/2015

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: